

A DESCRENÇA COMO TERAPIA: O PROCEDIMENTO CÉTICO FRENTE À PERTURBAÇÃO DOGMÁTICA

DISBELIEF AS THERAPY: THE SKEPTICAL PROCEDURE IN THE FACE OF DOGMATIC DISTURBANCE

Francisco Alvarenga Junnior Neto*

RESUMO

A intenção deste artigo é apresentar o percurso realizado pelo indivíduo que se compreende como cético. O ceticismo surge por volta do século IV a.C., possuindo como principal característica a suspensão do juízo sobre a afirmação da verdade. Por se caracterizar dessa forma, o ceticismo é visto como contrário à posição dogmática, marcada pela defesa de argumentos e teses como verdades. Apesar de assim se definir o ceticismo: como uma postura marcada pela descrença, o ceticismo não pode ser compreendido somente por isso; ou seja, pensando o indivíduo cético, ele não é visto como tal pela sua vontade de contrapor teses pelo puro gosto de realizá-lo; antes disso, a descrença e a oposição levadas a cabo pelo cético são quase que naturais, como resultados inescapáveis da sua forma de proceder. Para tanto, compreender o processo que leva alguém a se tornar um cético e se posicionar contra o dogmatismo, na primeira seção buscaremos apresentar o ceticismo filosófico. Na segunda seção, se tentará apresentar o itinerário cético por meio do qual se estabelece a sua identidade. Na última seção, buscaremos salientar quais são os pontos do dogmatismo atacados pelo cético a fim de demonstrar a sua impossibilidade enquanto uma posição filosófica.

PALAVRAS-CHAVE: ceticismo; descrença; dogmatismo; suspensão do juízo; verdade.

ABSTRACT

The intention of this article is to present the path taken by the individual who understands himself as skeptical. Skepticism arose around the 4th century BC, having as its main characteristic the suspension of judgment on the affirmation of the truth. Because it is characterized in this way, skepticism is seen as contrary to the dogmatic position, marked by the defense of arguments and theses as truths. Although skepticism is thus defined: as a posture marked by disbelief, skepticism cannot be understood for this reason alone; that is, thinking the skeptical individual, he is not seen as such due to his willingness to oppose theses for the pure pleasure of carrying it out. Before that, the skeptic's disbelief and opposition are almost natural, as inescapable results of their way of proceeding. Therefore, to understand the process that leads someone to become a skeptic and to stand against dogmatism, in the first section we will seek to present philosophical skepticism. In the second section, an attempt will be made to present the skeptical itinerary through which his identity is established. In the last section, we will try to highlight which points of dogmatism are attacked by the skeptic in order to demonstrate its impossibility as a philosophical position.

KEYWORDS: skepticism; disbelief; dogmatism; suspension of judgment; truth.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: franciscocmf@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O verdadeiro cético desconfiará tanto de suas dúvidas filosóficas quanto de sua convicção filosófica; e jamais, em virtude de nenhuma delas, recusará qualquer satisfação inocente que se ofereça. (HUME, 2000, p. 305).

No campo da pesquisa filosófica, o ceticismo tem um lugar importante nos debates epistemológicos da modernidade¹. Em suas várias versões, que vêm a público pelos autores modernos, encontramos o ceticismo ora vinculado a uma dúvida hiperbólica, ora vinculado à religião e à tentativa de se prosperar um conservadorismo contra os avanços científicos, entre outros. Tal protagonismo do ceticismo nesse período, em suas várias versões, demonstra que houve ceticismos para os mais variados gostos modernos, porém tendo todos um único fundamento: ser uma tese epistemológica.

Apesar da importância do ceticismo na modernidade, nossa intenção neste artigo é dar um passo atrás e, assim, discutir implicações e motivações terapêuticas relacionadas à postura cética. Na história da filosofia, encontramos uma posição hegemônica, chamada de dogmatismo, que defende ser preciso que o argumento filosófico seja estruturado de acordo com uma exigência demonstrativa que se traduz na necessidade de se provarem todas as suas teses de forma definitiva (LOPES, 2006, p. 214). Esse discurso, quando busca esgotar as possibilidades de conhecimento, pressupõe que o mundo (a realidade) é ontologicamente acessível e transparente a nós. Entretanto, como salienta Lopes (2006, p. 214), “[...] qualquer leitor minimamente familiarizado com as articulações entre ontologia, epistemologia e lógica tem consciência do esforço titânico mobilizado pelo discurso dogmático para tornar plausível esta suposta harmonia [...]”.

Frente a essa posição, surge o ceticismo, no mundo antigo, como uma perspectiva filosófica de fins práticos que, extrapolando o âmbito epistemológico, visa a resultados éticos de fomento de uma vida tranquila e feliz (BARNES, 1990). Assim, nosso argumento aqui é que o ceticismo pode ser uma terapia filosófica para as controvérsias presentes na tentativa dogmática de se estabelecer uma verdade e que levam o indivíduo que a ele adere a um estado de perturbação epistêmica e moral, haja vista o seu esforço em demonstrar a veracidade de seus argumentos frente aos de seus contrários.

¹ É o que se nota principalmente entre os séculos XVII-XVIII, em autores como Michel de Montaigne, René Descartes e David Hume.

No intuito de discutir essa questão, primeiramente apresentaremos o que é o ceticismo em linhas gerais para, então, traçarmos o itinerário (o caminho) que levaria um indivíduo a se aproximar do ceticismo e assumir uma postura cética. Por fim, esclarecidas as questões conceituais acerca do ceticismo, discutiremos a nossa tese de que a descrença — cética — pode ser uma terapia.

O CETICISMO

Afinal, o que é o ceticismo? Esta questão, apesar de parecer banal, é capaz de nos colocar em profunda discussão com a tradição filosófica ocidental e, mais que isso, é capaz, também, de nos colocar em discussão com o senso comum sobre aquilo que se compreende como ceticismo. No que diz respeito ao âmbito filosófico, procuraremos apresentar o que é o ceticismo um pouco mais adiante. Por hora, pensemos a sua compreensão comum.

Geralmente, quando um indivíduo x afirma não crer em uma divindade, ele pode ser compreendido como um cético e, então, encontramos o ceticismo entendido como uma posição contrária à daquele que se adjetiva como religioso. Outra situação em que se pode dizer que um indivíduo é cético é quando, perguntado sobre sua opinião acerca de um determinado assunto, ele afirma não possuir uma opinião. Nota-se que nessas duas formas de se afirmar que alguém é cético há, no fundo, a demonstração de uma origem filosófica para elas; em ambas o ceticismo é vinculado a uma certa posição de descrença, porém que se justifica no próprio ato de não crer.

Contrário ao que se compreende por ceticismo em um nível comum, enquanto uma tradição filosófica o ceticismo não é definido pela descrença apenas. Mais a fundo, vemos que a motivação do ceticismo não é essa; ela, dentro de uma posição cética, é um resultado inescapável. Ou seja, no âmbito da discussão filosófica, o cético não é aquele que deixa de crer ou que afirma a descrença como um subversivo. Mas, por enquanto, deixemos de lado essa questão sobre o proceder cético; antes de ele se tornar nosso objeto de discussão, é preciso compreender o que é o ceticismo.

No mundo antigo, houve duas vertentes do ceticismo: o ceticismo pirrônico e o ceticismo acadêmico. O ceticismo pirrônico recebe este nome em referência a Pirro de Élide (365-270 a.C.), porém acredita-se que a escola, tal como a conhecemos, tenha sido estabelecida por Enesidemo (80-10 a.C.), por volta de I a.C., ou seja, dois séculos, aproximadamente, após as elaborações de Pirro. Em certa medida, a história desta linhagem filosófica, é obscura. Entretanto, alguns nomes figuram e dão forma à tradição pirrônica; entre eles, está Timão (320-

230 a. C.) (BROCHARD, 2009)². Após Timão, a linha sucessória dos pirrônicos é um tanto incerta, acreditando-se que, depois dele, tenha ocorrido um rompimento, tendo o pirronismo reaparecido somente em Enesidemo. Sobre Pirro, Diógenes Laertios escreve o seguinte:

Pirro afirmava que nada é honroso ou vergonhoso, nada é justo ou injusto, e aplicava igualmente a todas as coisas o princípio de que nada existe realmente, sustentando que todos os atos humanos são determinados pelo hábito e pelas convenções, pois cada coisa não é mais isto que aquilo. (DIÓGENES, 1977, p. 267-268).

Já o ceticismo acadêmico recebe este nome devido a ter se estabelecido como um movimento surgido dentro da Academia fundada por Platão, tendo como referência filosófica a personagem de Sócrates, sendo Arcesilau (315-240 a. C.) seu primeiro representante. Tradicionalmente, considera-se que após a morte de Platão, a Academia passou por um período “pitagorizante”. Posterior a esse acontecimento, a Academia entra em seu período cético sob a direção de Arcesilau e, em seguida, de Carnéades (219-129 a. C.), fase denominada por Nova Academia (SOUZA FILHO, 1994). Ao assumir uma postura cética, a Academia se propôs a considerar (diferente do que ocorria na filosofia dogmática, que acreditava ter alcançado a verdade) que não era certo que a verdade havia sido encontrada ou, ainda, que pudesse ser encontrada. Nesse sentido, o que houve foi uma substituição do dogmatismo por uma postura crítica.

Retornando ao pirronismo, ele é marcado pela compreensão de ser uma filosofia que não coloca entraves à investigação. Sexto Empírico, autor do *Hipotiposes pirrônicas*, nos lembra que o cético pirrônico é vocacionado à investigação — uma vocação *zetética* —, da qual se origina o termo *Sképsis*, que dá nome a esta tradição, que pode ser traduzido como “busca” ou “investigação”; e, com isso, pode ser entendido como um proceder, para o qual é preciso um treinamento; ou seja, uma disposição para se contrariar uma forma já estabelecida de se atuar filosoficamente (PETTERSEN, 2012).

A filosofia cética é denominada “zetética” devido à sua atividade de investigar e indagar; “éfética”, ou suspensiva, devido ao estado produzido naquele que investiga após a sua busca; e “aporética”, ou dubitativa, seja, segundo alguns, devido a seu hábito de duvidar e de buscar, ou devido à sua indecisão quanto à afirmação ou negação; e “Pirrônica”, a partir do fato de que Pirro parece ter se dedicado ao ceticismo de forma mais significativa do que seus predecessores. (SEXTUS, 2000, p. 4, tradução nossa).

² O autor afirma que existiram outros discípulos de Pirro, como Euriloque, Filo de Atenas, Hecatê de Abdera e Nausifanes de Teos. Porém, dá-se maior relevância a Pirro e Timão, dos céticos antigos; Enesidemo, Agripa e Sexto Empírico como representantes do novo ceticismo.

Nesse trecho, encontramos a característica do ceticismo pirrônico, e-la: o ceticismo entendido como uma habilidade, uma vez que ele não possui qualquer tese que se pretenda universal, sendo o modo como procede que definiria alguém como cético. Ou seja, não é a filiação de um indivíduo a um argumento específico que o faz ser cético, mas sim a forma como ele se porta frente aos diversos argumentos e posições existentes.

Assim, o ceticismo pirrônico surgiu com uma identidade própria que não nos permite colocá-lo idêntico ao proceder filosófico dogmático; isto não só pelas conclusões aporéticas a que o cético é levado, mas também pelo procedimento que o leva a elas. O procedimento cético não pode ser visto somente como uma via de resposta aos problemas epistemológicos impostos pelo dogmatismo, mas também aos problemas que tocam a vida prática, para os quais o cético compreendeu existir uma necessidade de um retorno ao comum.

O ITINERÁRIO CÉTICO

Conforme salientamos na seção anterior, o que marca o ceticismo como uma escola é a forma como procedem os indivíduos vinculados a ele e não a existência de uma tese defendida por eles. Se assim é, então o ceticismo deve ser compreendido como uma habilidade, e ser cético passa a ser compreendido não como um “dom”, mas como uma capacidade. Seja ela qual for, de opor teses e argumentos, de opor as coisas que aparecem (os fenômenos) e, também, as coisas que são pensadas de todos os modos possíveis (SEXTUS, 2000, p. 6).

Como qualquer itinerário, o realizado pelo cético tem um início, marcado pela proximidade daquele que é realizado pelo dogmático (SEXTUS, 2000, p. 5-6). Dessa maneira, o proceder cético não é próximo a uma postura de um indivíduo comum, que realiza afirmações que podem ou não ser refletidas. No caso do cético, seu discurso se dá no âmbito refletido do discurso filosófico. Assim, de início, o indivíduo que virá a se tornar um cético é alguém que possui um certo tipo de inclinação à investigação filosófica.

Se, de início, o indivíduo que virá a se tornar um cético tem uma postura idêntica àquela do indivíduo dogmático, o que causa a sua mudança de perspectiva? Essa questão é fundamental para a compreensão do itinerário cético, pois aquilo que distancia o ceticismo do dogmatismo é a diferença da visão de mundo que estas filosofias possuem entre si. Qualquer investigação filosófica tem início em uma insatisfação sobre o conteúdo explicativo da realidade, de forma que todo filósofo, instigado pelo desejo de alcançar o mais alto grau de conhecimento sobre o objeto por ele estudado, anseia pela Verdade, por Princípios, que podem ou não ser consentidos

por ele. Se sim, então aí temos uma postura dogmática e, como resultado, origem de uma escola filosófica, que é marcada pelo assentimento dado a determinado argumento; se não, temos a posição inicial para que o indivíduo (o filósofo) venha a se colocar em um caminho capaz de o levar rumo ao ceticismo.

O que podemos notar é que, antes de qualquer aprofundamento nas motivações do ceticismo, o que leva um indivíduo a se aproximar dessa postura é, inicialmente, uma motivação metodológica. A miúdo, o que leva alguém ao ceticismo é uma postura investigativa rigorosa — que a grande maioria das escolas filosóficas reclama para si. Bem se sabe que o que diferencia as escolas filosóficas dogmáticas entre si é que cada uma, ao seu modo, defende ter encontrado a Verdade. Contrário a isto, o que caracteriza o ceticismo é a consciência de que as várias tentativas de se descobrir uma Verdade fracassaram e que o que há, na realidade, é uma multiplicidade de argumentos que se contrapõem, fazendo com que o indivíduo que se encaminha para o ceticismo não seja capaz de dar assentimento a algum. Tão logo, ele, em um resultado “natural”, é levado à descrença sobre qualquer filosofia de posturas unânimes sobre ter alcançado a verdade, dando continuidade à investigação (SEXTUS, 2000, p. 4).

Nesses termos, o ceticismo é uma posição filosófica contrária a qualquer precipitação. Quando dizemos que o cético é levado à descrença sobre qualquer filosofia, isso não significa que o que ele realiza é uma afirmação de que o argumento de uma determinada filosofia seja falso; quando dizemos que o cético é descrente de uma posição x ou y , temos de ter em mente que o sentido empregado ao termo é o sentido grego; em outras palavras, descrença, no contexto em questão, significa não dar assentimento a algo. Se quisermos compreender de outra maneira a posição do cético, podemos dizer que ela é marcada por um passo atrás, haja vista que o cético, por meio de sua argumentação, mostra não poder acolher as afirmações dogmáticas, ao mesmo tempo em que aceita não poder refutá-las definitivamente (PORCHAT, 2001).

Notemos, pois, que a clarificação do sentido em que é compreendido o termo “descrença”, empregado para adjetivar a posição cética, de pronto, nos desautoriza realizar qualquer tentativa de se alinhar o ceticismo com um dogmatismo negativo. A posição do cético, segundo Sexto, é antes marcada pela impossibilidade de se decidir entre uma ou outra posição, um ou outro argumento³, o que se apresenta na própria linguagem empregada pelo cético, em

³ Para compreender isto, vale a seguinte explanação: comumente o ceticismo é alinhado a uma postura antirreligiosa; ou seja, ateia. Entretanto, o ateísmo se apresenta contrário ao ceticismo grego e próximo ao dogmatismo negativo. Um indivíduo de posições ateias nega ferrenhamente a existência de qualquer divindade religiosa. Já o indivíduo cético, apenas diz não poder afirmar, no caso da crença religiosa, a existência ou não de uma divindade.

sentenças como, por exemplo, “não mais isso que aquilo” ou “não determino nada” (SEXTUS, 2000, p. 6-7, tradução nossa). Com isso, no que diz respeito às posições que podem vir a ser assumidas pelo cético nas discussões em que ele se coloca, com o intuito de demonstrar da melhor maneira a impossibilidade de qualquer disposição unívoca na defesa de um argumento, o cético, conforme insiste Sexto, sempre está disposto em reelaborar suas formulações e reformular seus argumentos e sua linguagem (SEXTUS, 2000, p. 47; 48; 52).

Os cétricos, para dizermos de uma metodologia utilizada, têm uma posição aporética em sua argumentação. A fim de se organizar de forma sistemática, mas não doutrinal, uma maneira de se checar a multiplicidade de teses existentes, Enesidemo e Agripa estabeleceram os "tropos" ou "modos" para se suspender o juízo sobre o conteúdo das afirmações dogmáticas. Há pelo menos quatro grupos de modos, a saber: “Os Dez Modos de Enesidemo” ou ‘Oito Modos de Enesidemo’, os ‘Cinco Modos de Agripa’ e os ‘Dois Modos’, sendo os dois mais importantes ‘Os Dez Modos de Enesidemo’ e os ‘Cinco Modos de Agripa’” (PETTERSEN, 2012, p. 38)⁴.

O itinerário cético, como vimos até aqui, se inicia pela tomada de consciência da existência de múltiplas teses em desacordo sobre um determinado tema (*Diaphonia*), havendo uma equipotência entre elas (*Isosthenía*). Percebendo isso, e não podendo negar ou asseverar qualquer posição, o cético é levado a suspender o juízo (*Epoché*) sobre qualquer proposição que, por fim, o leva a um estado de tranquilidade (*Ataraxia*) (SEXTUS, 2000, p. 10-11).

No que se refere à disputa entre ceticismo e dogmatismo, fica clara a fundamentação norteadora de uma posição cética, que é a afirmação da vida comum. Na postura proposta pelo ceticismo, a preocupação é transportada, deixando de ser o seu foco questões puramente epistemológicas para, agora, tocar a vida comum, pensando, assim, a filosofia como uma via para a cura a doença dogmática acerca da verdade.

⁴ Os dez modos de Enesidemo, segundo Sexto (HP I, 36) são: 1) O modo que depende das variações dos animais; 2) O modo que depende da variação entre os humanos; 3) O modo que depende da diferença entre os órgãos sensoriais; 4) O modo que depende das circunstâncias; 5) O modo que depende das posições e intervalos e lugares; 6) O modo que depende das misturas; 7) O modo que depende da quantidade e das preparações das coisas existentes; 8) O modo que deriva da relatividade; 9) O modo que depende da frequência e da raridade dos encontros; 10) O modo que depende da persuasão e dos costumes e leis e a crença em mitos e em suposições dogmáticas. Já os cinco modos de Agripa são os seguintes, segundo Sexto (HP I, 165-169): 1) Modo da discordância; 2) Modo da regressão ao infinito; 3) Modo da relatividade; 4) Modo da hipótese; 5) Modo da reciprocidade.

CETICISMO VERSUS DOGMATISMO

Há uma doença e, para ela, uma cura. O dogmatismo — tanto filosófico quanto o não filosófico — é a doença. A terapêutica vocacionada a dizimar o dogmatismo é o ceticismo pirrônico. As pretensas fontes de conhecimento das filosofias dogmáticas são rejeitadas pelo cético. Sexto Empírico confere poderes terapêuticos aos seus argumentos. (JAICK, 2009, p. 45).

Pensar a disputa ceticismo versus dogmatismo pela perspectiva cética é falar de um processo terapêutico. Dessa forma, o cético, se compreendido como um terapeuta, não tem a intenção de simplesmente se opor aos argumentos dogmáticos para desmoralizá-los ou demonstrar a incapacidade de suas teses, mas apontar a necessidade de uma ação que desvincule a investigação e as afetações que se seguiriam desta. Assim, não podemos entender o cético como alguém que duvida pelo puro gosto do duvidar. A sua preocupação é, antes, demonstrar a impossibilidade de se deixar de lado a vida comum.

Como vimos, o cético é levado à suspensão do juízo no nível argumentativo-filosófico, entretanto isso não é capaz de impossibilitar-lhe a experimentação do mundo. Quando Sexto afirma que o cético adere aos fenômenos, isso não significa que ele o esteja fazendo de maneira dogmática. Conforme salienta Porchat (2001, p. 16), quando o cético diz aderir ao fenômeno, isto quer significar simplesmente que “ele não pode não reconhecer a experiência”. É notória, com isso, a diferença entre a filosofia cética e a dogmática frente à experiência da vida: a dogmática toma a vida como sendo o objeto de suas elucubrações que, por vezes, senão sempre, acabam por se tornar avessas à vida comum, enquanto a cética compreende que “[a] melhor maneira de viver e buscar a felicidade, aos olhos do cético, é simplesmente mergulhar na vida cotidiana e gostosamente deixar-se levar por ela” (SMITH, 2004, p. 52).

Pensado como o antídoto para o dogmatismo, o ceticismo leva a sintomas de cura, a saber: a tranquilidade da alma (ataraxia ao modo cético), a qual deve ser entendida de duas formas: “tranquilidade intelectual” e “tranquilidade moral” (SMITH, 2000, p. 28); sendo que a segunda seria alcançada como um resultado vindo da primeira, uma vez que, na forma como se organiza a filosofia cética, primeiro ocorre uma expansão epistemológica que, posteriormente, leva o cético a um movimento parecido no campo da ética. Gazzinelli nos chama a atenção para o fato de que a tranquilidade nos dois âmbitos apresentados se daria tanto pela suspensão do juízo em relação a opiniões e crenças de ordem mais prática, quanto mediante a constatação, na vida comum, de consequências benéficas da disposição cética (GAZZINELLI, 2009).

A forma como o cético se coloca frente à vida leva à uma inversão da lógica estabelecida pelo dogmatismo; ou seja, privilegia-se a ação sobre a teoria. O próprio Sexto afirma que adotar o fenômeno como critério é adotá-lo como critério de ação e não como critério de verdade (SEXTUS, 2000). Com isso, a forma como age o cético não leva a um insulamento da vida comum pela filosófica ou vice-versa. Isso significa que para o cético questões que se voltam para um conhecimento teórico fundamental (questões metafísicas) vão para longe do foco de suas preocupações para dar lugar a indagações acerca da vida mais satisfatória e harmônica (SEXTUS, 2000).

Os pirrônicos procuram ensinar-nos a viver bem, isto é, a alcançar a tranquilidade e a moderação sem incidir no dogmatismo. Em uma moral pirrônica dispomos de, no máximo, indicações gerais e de algumas tendências imprecisas para saber como se comportará de fato em uma via aquela que a adota. As contingências da vida se ocuparão do resto (SMITH, 2000, p. 48).⁵

Ora, o que o ceticismo se propõe recusar são as alterações de sentido que as metafísicas propõem através de seus dogmas. Por isso, entende o cético que o dogmático tem na origem de sua posição e de seu discurso um erro: a precipitação. Ainda que possamos levantar questões sobre o mérito da correção epistêmica cética (tema que não discutiremos aqui), não nos restam muitas dúvidas ao que tange ao fato de que a confiança no discurso dogmático tenha sido posta em xeque. Supondo-se que assumamos a postura filosófica cética, “[o] dogmatismo dos filósofos — e, não menos, o dos homens comuns — nos aparece claramente como uma enfermidade da razão e da linguagem” (PORCHAT, 2013, p. 20).

Contrariamente ao anunciado pelas tentativas esparsas de desmoralização do ceticismo, que não é uma negação da razão, mas, na contramão dessa visão, ele se utiliza da razão como terapia. Lembra-nos Sexto: “[o] cético, por amar a humanidade, quer curar pelo discurso, na medida de suas forças, a presunção e a precipitação dogmática” (SEXTUS, 2000, p. 216, tradução nossa). Dito de outra maneira, o cético visa esclarecer os problemas inerentes ao

⁵ Porchat diz algo parecido no artigo “Sobre o que aparece”: “O cético conhece mais que ninguém o poder do *lógos* e o enorme fascínio que sobre os homens ele exerce, ele se dá precisamente por tarefa denunciar e desfazer suas artimanhas e ardis, assim, parte considerável do empreendimento filosófico é proceder à crítica da razão dogmática, derrubando os ídolos e as ficções que o discurso dogmático continuamente plasma [...]. O pirronismo é, basicamente, uma crítica da linguagem e de seus mitos, ele luta para quebrar o feitiço que amarra os homens a uma linguagem em férias...” (PORCHAT, 1993, p. 205). Ou ainda, no artigo “Ceticismo e argumentação”: “É preciso lembrar que a crítica cética ao dogmatismo não visa apenas às posições filosóficas, mas atinge igualmente os pronunciamentos dogmáticos do homem comum. Este, com efeito, frequentemente erige seus pontos de vista em verdades indiscutíveis e absolutas, condenando como erros e falsidades as opiniões que diferem das suas. Ele também argumenta com frequência em favor de suas teses, ainda que lhe falte a armação argumentativa sofisticada do discurso filosófico.” (PORCHAT, 1993, p. 219).

discurso dogmático e seu processo de justificação das crenças como verdades. Isso porque, como nos lembra Smith, “toda justificação que pretenda garantir a verdade de uma crença ou leva a uma regressão ao infinito, ou a uma adoção arbitrária de uma crença, ou a um raciocínio circular” (SMITH, 2004, p. 24).

É assim que devem ser interpretados os argumentos céticos: como uma maneira de mostrar que a pretensão filosófica de um conhecimento metafísico da realidade é impossível ou inalcançável. Se quisermos elaborar uma teoria filosófica, na qual teríamos um conhecimento justificado de uma realidade absoluta ou em si mesma, sem que o erro seja possível, então os argumentos céticos são armas poderosas para mostrar as dificuldades de uma tal teoria. É o próprio projeto filosófico e metafísico que é posto em questão pelo cético, ao extrair suas dificuldades, impasses, dilemas e aporias. (SMITH, 2004, p. 50).

Quando falamos em abordagem cética, o que se apresenta “é tão somente o filósofo que experiencia dialeticamente a inacessibilidade do absoluto” (PORCHAT, 2001, p. 57), e que por isso assume “uma postura crítica e suspensiva diante da razão Especulativa” (PORCHAT, 2001, p. 65). Tomar partido pelo ceticismo é passar ao largo de qualquer leitura dogmatizante e se posicionar contrário a todo e qualquer discurso falacioso. Por isso mesmo, frente às posições obscurantistas de nossos tempos, não é de maneira alguma irrelevante reiterar a atitude cética como uma metodologia necessária em nosso agir filosófico, tão necessário como nunca.

CONCLUSÃO

Esperamos que nossa proposta de se pensar o ceticismo como uma forma de terapia tenha sido cumprida. Acreditamos que um texto que trata das implicações do ceticismo no âmbito filosófico e, também, da vida comum, deveria ter como princípio nada afirmar conclusivamente e, assim, não colocar encaixos a novas possibilidades de investigação. Vale aqui, porém, recordar algumas questões, no intuito de esclarecer alguns pontos, sem, claro, retomá-los.

Ao propormos aqui que o ceticismo pode ser compreendido como uma terapia, nossa intenção foi de demonstrar a potência que essa postura filosófica possui contra as idiosincrasias dogmáticas, filosóficas ou não. Como foi possível ver, o ceticismo tem como marca a crítica às estruturas da argumentação dogmática e, por isso, à pretenciosa busca de uma tese capaz de abarcar a realidade.

Entre o ceticismo e o dogmatismo há uma abismal diferença que se estende desde os seus princípios às suas metodologias. Surgido no período helenístico, encontramos na origem do ceticismo a intenção de se tornar uma “escola de bom viver”, com vistas a metas práticas, como a busca pela *eudaimonia* e pela *ataraxia*. Nesse sentido, é profícuo pensar o ceticismo como uma postura de autoavaliação, uma vez que a busca cética é antes uma tentativa de demonstrar nossas limitações e, com isso, nos advertir da necessidade de uma vida mais simples. Pensado assim, a posição cética pode ser compreendida como uma busca. Se no dogmatismo o indivíduo é levado a buscar uma verdade, no ceticismo o indivíduo é levado a se tornar melhor, seja no âmbito argumentativo seja em suas relações com o mundo e com os outros.

REFERÊNCIAS

- BARNES, Jonathan. **The toils of scepticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BROCHARD, Victor. **Os cétricos gregos**. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Edysseus Editora, 2009.
- DIÓGENES, Laertios. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1977.
- GAZZINELLI, Graziela. **A vida cética de Pirro**. São Paulo: Edições Loyola. 2009.
- HUME, David. **Tratado da natureza humana: uma tentativa de induzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- JAICK, Ana Paula Grillo El. **O ceticismo nos estudos da linguagem: sobre contra os gramáticos, de Sexto Empírico**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.
- LOPES, Rogério. Por que o cético não abdica da argumentação? **Síntese Revista de filosofia**. v. 33, n. 106, p. 213-228, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21769389v33n106p213-228/2006>. Acesso em: 09 jul. 2020.
- PETTERSEN, Bruno Batista. **A narrativa neopirrônica: uma análise das obras de Porchat e Fogelin**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- PORCHAT, Oswaldo. Ainda é preciso ser cético. **Discurso**. n. 31, p. 9-30, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38051/40777>. Acesso em: 02 jul. 2020.
- PORCHAT, Oswaldo. Ceticismo e argumentação. **Sképsis**. a. VI, n. 9, p. 5-39, 2013. Disponível em: <http://philosophicalskepticism.org/wp-content/uploads/2014/06/1ceticismo.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

PORCHAT, Oswaldo. **Vida comum e ceticismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SEXTUS, Empiricus. **Outlines of scepticism**. Edited by Julia Annas e Jonathan Barnes. Cambridge [England]; New York: Cambridge University Press, 2000.

SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo filosófico**. São Paulo: E.P.U, 2000.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. O ceticismo antigo: pirronismo e nova academia. **Revista de Ciências Humanas**. v. 11, n. 15, p. 85-95, 1994.